

AS RELACÕES ENTRE TRANSGRESSÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO ÊXTASE NO PENSAMENTO DE GEORGES BATAILLE

ULISSES ALBERTO PEREIRA

Orientador: Prof. Dr. Luiz de Camargo Pires Neto

RESUMO:

Essa pesquisa buscou compreender os conceitos de êxtase e transgressão no pensamento de Georges Bataille e, como essas duas ideias se relacionam. Segundo o filósofo, existe a possibilidade de o indivíduo possuir o ímpeto de ultrapassar os seus próprios limites, distanciando-se daquilo que o torna humano; um movimento de transcendência de si mesmo através da transgressão que resultaria nessa experimentação do êxtase. O êxtase do qual fala Bataille se aproxima muito do êxtase religioso: que arrebatava, que obriga o indivíduo a sair de si mesmo. Entretanto, o êxtase é o apagamento total do indivíduo. Esse indivíduo permanece em descontinuidade, em uma chance de alcançar a continuidade que o êxtase representa. Por esse motivo, o indivíduo transgredir os interditos, vivencia os extremos, o desperdício. Sua natureza é voltada para o consumo, para a destruição. E, através do erotismo dos corpos, das guerras, do sacrifício, vícios, torturas, ou seja, dos excessos, o indivíduo conseguiria romper com os interditos. Há, então, um desejo de transgredir os interditos que nos mantém a salvo para que ocorra essa dissolução do indivíduo em uma experiência extática.

Palavras-chave: Êxtase; Transgressão; Experimentação; Georges Bataille.

1. INTRODUÇÃO

Georges Albert Maurice Victor Bataille (10/09/1897 - 09/07/1962), nasceu na cidade francesa de Billom (Puy-de-Dôme). Reconhecido no meio intelectual francês, Bataille transitava em torno de diversos acadêmicos, artistas, intelectuais e jornalistas no início do século XX, na capital, Paris. Escritor profícuo, escreveu não apenas textos literários, mas também ensaios que podem ser categorizados em diversas áreas do conhecimento, como antropologia, crítica literária, economia, filosofia, história da arte e sociologia.

Ainda na adolescência, em 1914, durante a primeira grande guerra, saiu de sua cidade, a menos de cinco quilômetros das linhas alemãs, junto de sua mãe, Marie-Antoinette Tournadre e seu irmão, Martial Bataille. Em pleno bombardeio, abandonaram não apenas a casa, mas também o pai, aos cuidados de uma empregada. Joseph-Aristide Bataille que, consumido pela sífilis, estava cego e paralítico, foi abandonado. Os Bataille retornaram para sua cidade apenas no final de novembro de 1915, após a evacuação alemã, encontrando o corpo de Joseph Bataille em um caixão vedado no quarto.¹

Após o fim da guerra, Bataille entrou na prestigiada *École nationale des chartes*, onde estudou biblioteconomia, trabalhando mais tarde como arquivista e bibliotecário da Biblioteca Nacional da França. Nessa época, começou a demonstrar seus constantes momentos de crise, vivendo uma vida de excessos em que os jogos, os vícios e as frequentes visitas a bordéis entravam em confronto com suas dúvidas e questões filosóficas. Leitor ávido, tinha predileção pelos autores místicos como Ângela Foligno, Teresa de Ávila e João da Cruz e, também, pela filosofia de Nietzsche, Sade e Shestov².

Bataille participou do influente grupo dos surrealistas franceses, contribuindo com a criação de diversas revistas e jornais de difusão de conhecimento, tais como *Acéphale*, *Aréthuse*, *Contre-attaque*, *Critique*, *Documents* e *Minotaure*. Como escritor, seus textos alcançaram poucas pessoas, sendo considerado um autor secundário durante toda a sua vida³. A despeito da pouca

¹ BATAILLE. W.-C. – Prefácio à História do olho, História do olho, p. 93.

² MORAES. Um olho sem rosto, 2012, p. 7.

³ SURYA. Nascimento de Bataille, 2016, p. 8.

visibilidade de seu trabalho intelectual, Bataille estava preocupado em acessar o limite do impossível, buscando a verdade no mundo, preocupando-se em se comunicar e de aproximar seu pensamento dos outros⁴.

Uma de suas ideias centrais é a de que o homem busca os estados de êxtase através de movimentos cada vez mais extremos, até atingir a transcendência; um ponto onde pudesse se unir à embriaguez extática. A experiência interior seria a responsável por aproximar aquilo que possibilitaria a transcendência. E o que nos aproximaria dessa experiência, os estados místicos, seriam os responsáveis por fazer o indivíduo ser arrebatado de si mesmo. Nesse sentido, a experiência interior é o que nos coloca à prova todas as questões, a fim de que possamos alcançar o extremo do que se é possível.

O Indivíduo batailleano sabe que não pode ser tudo, pois tem encerrado em si a certeza de que não pode ser completo - além, é claro, da certeza da morte. Neste vazio, no qual o indivíduo se movimenta, percebe-se que "querer ser tudo" seria apenas um aspecto de sua própria morte; e, nessa angústia que procura respostas a essa falta, inicia-se a experiência interior que nos levaria além. Bataille argumenta que o indivíduo que está preso nessa angústia deve buscar seguir a experiência sem ter como fim uma resposta, devendo segui-la "a um lugar de extravio, de não sentido"⁵, uma vez que a experiência interior tem como princípio o não-saber, o vazio onde o indivíduo se encontra. Nessa angústia do não-saber em que o indivíduo permanece, a experiência nada revela, não conseguindo, também, encontrar nada além da experiência mesma.

Através da ausência das palavras, procura-se alcançar o silêncio interior onde essas mesmas palavras cessam de existir, sendo necessário se conectar com um todo sensível ou uma espécie de continuidade que não esteja corrompida. Essa continuidade é preenchida por excessos que nada ignoram, alimentando-se desses extremos. O indivíduo que almeja chegar ao extremo do possível deve pensar a experiência interior como um projeto, ou seja, repensar sua condição como uma

⁴ PIEL. Bataille e o mundo, 2013, p. 7.

⁵ BATAILLE. A experiência interior, 2016, p. 33.

espécie de construção do homem como um único projeto da linguagem.

Ao colocar à prova tudo o que sabe sobre o que realmente é ser, sobre o seu projeto, o indivíduo cai na angústia e compreende que o entendimento sempre escapa a sua compreensão total, visto que "o desconhecido obscuro que o êxtase revela *está subordinado a me subordinar*"⁶. O desconhecido, então, desnuda-se, possuindo a capacidade de mostrar a insignificância de toda a nossa existência. E ao transgredir, ir até o extremo do possível desse obscuro desconhecido, o indivíduo amplia suas próprias fronteiras antes definidas, ignorando as operações da inteligência como as estatísticas ou as morais pré-estabelecidas.

Percebendo a necessidade de vivenciar a experiência interior, unindo o sujeito (o não-saber, a angústia do limite) com o objeto (o desconhecido obscuro), o indivíduo se apodera de "si mesmo" como ponto de ruptura e de comunicação. Realiza-se o encontro entre o sujeito e o objeto - e, ao dar vida a si mesmo, corrobora com essa fusão. Entretanto, antes de se chegar ao extremo do possível, é necessário transgredir os limites dos interditos para se chegar à essa experimentação.

2. TRANSGRESSÃO

De acordo com Georges Bataille, nenhum interdito está a salvo de ser superado ou mesmo de transgredir seus próprios limites. Essa mesma transgressão tem, como senso comum, a ideia de ser apenas uma violência animal. Todavia, Bataille apresenta a transgressão como um movimento que não só se apropria da violência animal como também a utiliza como ferramenta ordenada pela razão. A violência, antes utilizada apenas como meio de destruição irracional é usada agora como meio da sabedoria humana de transgredir os limites de um determinado interdito. Se antes a transgressão tinha essa característica de limitação à destruição irracional como uma espécie de retorno à animalidade da violência, agora, a mesma transgressão carrega o sentido de violência

⁶ Ibid., p. 34.

como ferramenta utilizada pela sabedoria. O interdito unido à transgressão, sustenta Bataille, é o que molda a forma com a qual vivemos socialmente. Ambos culminam em uma união e, embora a transgressão frequentemente entre em contato com os interditos pré-estabelecidos, "não abala a firmeza intangível [...] de que é sempre complemento esperado"⁷ dos interditos.

Sujeito a regras, assim como o interdito, a transgressão tem início diante de uma limitação. A transgressão acontece na liberação dessa violência animal (utilizada pela razão), tendo como alvo algum interdito. Essa mesma limitação engendra um impulso que estimula a violência e a destruição de um limite imposto. O autor inclina-se sobre as experiências que transcendem os indivíduos e seus respectivos limites, recusados a qualquer tipo de adequação social estabelecida; compreende que a quebra do interdito, o qual formaliza a sociedade, possibilita o acesso ao desconhecido além da racionalidade.

Na fundação da sociedade onde o homem, em pleno exercício de seu poder, presumia não só prevalecer sobre as forças da natureza como também fazer valer o seu domínio sobre ela, recorrendo aos interditos para limitar sua própria natureza fundada através da violência, percebe-se que esses mesmos limites criados para impedir a destruição são ineficazes. Os impulsos humanos, em sua força bruta, são incapazes de serem contidos.

Michel Foucault, ao analisar o conceito de transgressão no pensamento de Georges Bataille, acredita que um ato transgressivo encontra seu limite no rompimento de um interdito e funciona não só como rompimento frenético de um limite, mas, também, como uma espécie de fissura entre os limites que exercem um isolamento individual entre os pares. Essa mesma fissura tem o poder de reconstituir um vínculo entre as coisas; dispondo de uma carga de poder que consegue dirigir sua força, sua violência, não só para o outro, mas também para os limites de si mesma. A carga da qual fala Foucault e os vínculos nos quais a transgressão se apresenta, associam-na imediatamente à morte. Morte que não é vista como fim em si mesma, mas como um espaço em branco aberto para novas experiências. Uma experiência interior, soberana, extrema, que coloca tudo e todo o resto à prova. Uma experiência interior que tenta alcançar a experiência

⁷ BATAILLE. O erotismo, 2013, p. 89.

do impossível.

Segundo Foucault, o mundo seria moldado pelos excessos que se conectam através da transgressão dos limites. Ambos (limite e transgressão) estariam em uma relação de co-dependência, onde atuam exaltando aquilo que destroem, utilizando da violência para abrir caminho àquilo que é ilimitado, atingindo o fundamento que antes a escapava. A transgressão tem o papel de ir de encontro ao limite possível e conduzir para o desaparecimento de toda e qualquer barreira antes pré-existente. Porém, a transgressão e o limite não estão como polos opostos em uma mesma realidade, mas sim conectados intrinsecamente, não havendo possibilidade de que esse vínculo seja desfeito, visto que só podemos afirmar que

A transgressão não opõe nada a nada, não faz nada deslizar no jogo da ironia, não procura abalar a solidez dos fundamentos: não faz resplandecer o outro lado do espelho para além da linha invisível intransponível. Porque ela, justamente, não é violência em um mundo partilhado (em um mundo ético) nem triunfa sobre limites que ela apaga (em um mundo dialético ou revolucionário), ela toma, no âmago do limite, a medida desmesurada da distância que nela se abre e desenha o traço fulgurante que a faz ser. [...] Ela afirma o ser limitado, afirma o ilimitado no qual ela se lança, abrindo-o pela primeira vez a existência. [...] nenhum conteúdo pode prendê-la, já que, por definição, nenhum limite pode retê-la⁸.

A transgressão não contesta, não faz frente a nada. A transgressão não busca fazer ruínas com o que é estabelecido. Da mesma forma, não busca utilizar de subterfúgios para tentar mistificar o outro lado do interdito. A transgressão tem apenas como papel o de "toma[r], no âmago do limite, a medida desmesurada da distância que nela se abre e desenha o traço fulgurante que a faz ser"⁹; aplicando sua violência para afirmar os limites, para abrir a possibilidade dos limites da

⁸ FOUCAULT. Prefácio à transgressão, 2009, p. 33.

⁹ Ibid., p. 33.

existência, "o limite que ele não cessa de transgredir, fazendo-a surgir como absoluto limite no movimento de êxtase que lhe permite saltar do outro lado"¹⁰.

Neste sentido, Bataille demonstra que a transgressão tem o papel de abrir uma fissura para que possamos chegar além dos limites apresentados. A fissura que a transgressão abre através da violência tem o objetivo de transpor o mundo real, material dos interditos, e nos aproximar do ilimitado. Nesse deslocamento entre a transgressão e o interdito:

Os homens são submetidos ao mesmo tempo a dois movimentos: de terror, que rejeita, e de atração que impõe o respeito fascinado. O interdito e a transgressão correspondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito rejeita, mas a fascinação introduz a transgressão¹¹.

Enquanto o interdito deixa de exercer seu poder limitador, a transgressão também deixa de ter o seu poder de destruição, pois ambos dependem mutuamente um do outro. Os interditos são fundados para estabelecer "os limites de um mundo redutível à razão"¹², mas "esses limites, nós os definimos de toda maneira, estabelecemos o interdito, estabelecemos Deus, e até mesmo a decadência. E sempre uma vez definidos, saímos deles"¹³.

Bataille mostra que o indivíduo possui em si a necessidade de transgredir sua própria natureza. Seu projeto comum busca tornar-se mais – ao menos, busca a sua própria superação, sua própria perfeição como ser. Porém, ao cessar a busca pela sua superação, o indivíduo deve se aceitar como "aquilo que é, imperfeito, inacabado"¹⁴, alcançando a lucidez que permita tocar a experiência interior. Nessa experiência, o indivíduo batailleano prova uma existência ilimitada, perdendo-se em um oceano de extremos possíveis. Percebemos, então, um indivíduo só e multidão ao mesmo tempo, que comunga com o desconhecido obscuro. E, ao vivenciar a experimentação

¹⁰ Ibid., p. 42.

¹¹ BATAILLE. O erotismo, 2013, p. 92.

¹² Ibid., p. 164.

¹³ Ibid., p. 164.

¹⁴ BATAILLE. A experiência interior, 2016, p. 58

sensível, o indivíduo ignora qualquer tipo de explicação lógica: o impossível assume o controle. A transgressão que leva ao extremo é a possibilidade de todo o indivíduo. Entretanto, ao negar o extremo a si mesmo, o indivíduo se degrada.

Ao introduzir a angústia em que o homem se depara com um interdito que não o deixa ir mais longe, o homem se entrega à transgressão. A quebra do interdito realizado por meio da transgressão, nessa abertura de uma fissura para atingirmos os limites de nossa própria vida, é a entrada para o inconcebível, para o desconhecido. O indivíduo não aceita limites, tem em si o desejo de superá-los. A transgressão é a violência que nos faz ir em frente, que nos leva ao desejo de transcender.

3. ÊXTASE

Bataille apresenta o êxtase como uma aproximação dos estados místicos, quase uma experiência religiosa que experimenta o vazio e a ausência. Essa busca pelo êxtase está relacionada com o desejo que o indivíduo possui de esquecimento, de dissolução. O indivíduo batailleano procura uma espécie de continuidade em uma descontinuidade que nos limita. E ao entrar em contato com o êxtase, esse indivíduo é fulminado para fora de si mesmo, deixado sem contornos. Ele se torna parte integrada com o todo, unido ao que não tem mais forma definida. O êxtase é a aniquilação do sujeito; é nesse movimento que o indivíduo perde singularidade: ele é apagado, destituído de identidade. O indivíduo agora é a superação dos limites únicos para um todo conectado.

Numa serenidade aguda, diante do céu estrelado e negro, diante das colinas e das árvores negras, voltei a encontrar aquilo que faz de meu coração uma brasa coberta de cinza, mas que arde interiormente: o sentimento de uma presença irreduzível a qualquer noção que seja, aquela espécie de silêncio de raio que o êxtase introduz. Torno-me fuga imensa para fora de mim, como se minha vida fluísse em rios lentos através da tinta do céu. Já não sou então

eu mesmo, mas aquilo que saiu de mim atinge e encerra em seu enlace uma presença ilimitada, ela própria semelhante à perda de mim mesmo; aquilo que não é mais nem eu nem outro, mas um beijo profundo em que se perderiam os limites dos lábios, liga-se a esse êxtase, tão obscuro, tão pouco estranho ao universo quanto o curso da terra através do abismo do céu¹⁵.

Bataille argumenta que o êxtase é a união entre o sujeito (não-saber) com o objeto (o desconhecido). O êxtase é a comunicação que nasce dessa união e, ao mesmo tempo, é a responsável por romper com todos os limites, por transcender as barreiras e aniquilar o indivíduo. O êxtase é a responsável pela comunicação que une o indivíduo com o todo, com a continuidade partida e a possibilidade de se perder no desconhecido além dos limites e da experimentação do extremo do possível.

Apropriando-se do conceito de êxtase na filosofia de Friedrich Nietzsche e aprofundando seus significados, Bataille compreende que o homem é dominado pelo sentimento de terror quando transgredir a natureza dos fenômenos, adentrando em um estado puro de êxtase onde, segundo Nietzsche, "o princípio da razão, em algumas de suas configurações, parece sofrer uma exceção"¹⁶. Essa exceção acontece quando através de uma ruptura de um princípio individual que se apodera enquanto movimento que se percebe mais íntimo de si mesmo, ou seja, de sua própria natureza que comunga com o todo. Este contato mais íntimo consigo mesmo, Nietzsche chama de essência dionisíaca, apreendida por meio de uma espécie de embriaguez que ultrapassa o indivíduo e faz com que ele se una a seu estado de natureza compartilhada.

Apoiado em seus estudos sobre os homens e as civilizações mais primitivas e suas respectivas formas de culto (no caso, detendo-se na antiguidade clássica) e, sobre o contato desses mesmos indivíduos com a natureza, que "despertam aqueles transportes dionisíacos, por cuja

¹⁵ BATAILLE. O culpado, 2017, p. 39.

¹⁶ NIETZSCHE. O nascimento da tragédia, 2019, p. 27.

intensificação o subjetivo se esvanece em completo auto-esquecimento”¹⁷, Nietzsche analisa o contato com a natureza pura do próprio indivíduo que se auto-aniquila, transformando sua subjetividade, de modo a ser transportado aos estados de êxtase, não mais reconhecendo a si mesmo. Essa potência dionisíaca deforma o homem como ele antes se reconhecia, rompendo a individualidade que os separa e os despedaça. Essa mesma potência incita ao máximo seus limites, intensificando todas as suas capacidades [e possibilidades] simbólicas; algo jamais experimentado empenha-se em exteriorizar-se, a destruição do véu de Maia, o ser uno enquanto gênio da espécie, sim, da natureza¹⁸.

O homem, afirma Nietzsche, que busca em si o êxtase deve, primeiramente, obrigar-se a transgredir todos os movimentos simbólicos que fundam sua natureza concebida através da civilização; exteriorizar a experimentação mais profunda de si mesmo, buscando alcançar novas formas de se comunicar; ultrapassando os símbolos que o fundavam anteriormente. Para que o homem seja capaz de perceber todas essas novas formas simbólicas de comunicação, deve desprender de si mesmo, uma vez que "um novo mundo de símbolos se faz necessário [...] corporal, [...] dos lábios, dos semblantes, das palavras"¹⁹.

O êxtase dionisíaco é a natureza desmensurada que se encontra unida a todas as formas de prazer, assim como as sensações de dor e (auto) conhecimento – assim como, também, do esquecimento dentro do desconhecido – que aniquila todos os limites. Todo o poder de separar e abrir um gigantesco abismo entre aquilo que conhecemos e reconhecemos como realidade experimentada em nossas vidas cotidianas e o desconhecido, reside na representação da letargia causada pela experiência extática dionisíaca.

A experimentação dionisíaca rompe o indivíduo e o leva até o extremo possível, "para as Mães do Ser, para o cerne mais íntimo das coisas"²⁰, sendo responsável por nos levar ao prazer

¹⁷ Ibid., p. 27.

¹⁸ Ibid., p. 31-32.

¹⁹ Ibid., p. 32.

²⁰ Ibid., p. 95.

eterno de existir que está escondido por detrás de todas as aparências. Nesse sentido, Nietzsche propõem que abracemos a dolorosa experiência de conhecer e "adentrar nosso olhar nos horrores da existência individual"²¹. Há prazer nessa experiência extática que abre e alarga a natureza do mundo e, ao mesmo tempo, aniquila a individualidade e as aparências ao entrar em contato com o êxtase dionisíaco não mais como simples indivíduos, mas "como *uno* vivente, com cujo o gozo procriador estamos fundidos"²². As excitações no teatro dionisíaco estão em suas representações, como a liberação "das cadeias dos indivíduos, antes de tudo, em prejuízo dos instintos políticos, até a indiferença, sim, até a animosidade"²³.

Segundo Bataille, uma das maneiras de se alcançar o êxtase seria no ato de dramatizar a existência. Dramatizar possibilita que se alcance os estados de êxtase. E, nesse ato dramático, o indivíduo consegue exteriorizar e se comunicar com o transcendente. A dramatização é a chave para uma fuga do indivíduo de si mesmo; ela abre uma brecha na angústia do não-saber, permitindo o contato com o desconhecido; esta é a operação na qual "nos perdemos, esquecemo-nos de nós mesmos e comunicamos com um além inapreensível"²⁴. Através do ato de dramatizar, rejeitamos aquilo que é exterior a nós mesmos. Possuímos uma fraqueza e, ao dramatizarmos, buscamos transcender os sentimentos naturais que eventualmente sentimos. Dramatizando o discurso, nos apropriamos do enunciado e o experimentamos através dessa apropriação; transgredimos seu sentido natural e neste movimento, contestamos os significados das palavras que estruturam o discurso e das "verdade[s] que as palavras, seus dédalos, a imensidão esgotante de seus possíveis, enfim, seu caráter traiçoeiro [que] têm alguma coisa das areias movediças" ²⁵. É necessário procurar novas palavras que superem a ideia comum cotidiana e seus objetos e "que nos façam escorregar do plano exterior (objetivo) para a interioridade do sujeito"²⁶, para que se possa

²¹ Ibid., p. 100.

²² Ibid., p. 100.

²³ Ibid., p. 121.

²⁴ BATAILLE. A experiência interior, 2016, p. 42

²⁵ Ibid., p. 46

²⁶ Ibid., p. 47

aproximar-se da experiência.

Nessa experiência, segundo Bataille, o indivíduo não pode alcançar o extremo do possível – e nem mesmo conhecê-lo profundamente –, sem se degradar. E, ao se negar essa degradação, esse extremo, nega a sua própria natureza. O indivíduo deve aceitar a queda do edifício racional em detrimento da experimentação do extremo em seu interior. Para acessá-lo, por sua vez, deve dilacerar-se e contestar o que supõem saber. Entretanto, corre-se o risco de defini-lo por meio de apropriações – o que, para Bataille, é um erro, pois ao contestar o que se supõe saber, o indivíduo fica nu, despido dentro do não-saber, em uma súplica sem resposta. Todavia, ao permanecer nesse estado, o indivíduo abandona toda e qualquer operação intelectual e, essa mesma operação o encarcera em um discurso que o mantém distante de aspectos racionais.

A experiência não depende da ação que é conduzida unicamente pela racionalidade discursiva. Essa mesma racionalidade possui em si a capacidade de fazer com que o edifício criado pelas palavras entre em declínio, então busca-se pela experiência interior para que a mesma aproxime o não-saber ao caminho mais vazio de todos os não-sentidos. Bataille insiste no jogo de introduzir cada vez mais o aprofundamento no limite que transgride toda a compreensão dos sentidos para se aproximar daquilo que os desnuda. Neste jogo, em que o sentido e o não-sentido se encontram, aproximam-se e se distanciam na mesma velocidade e frequência, é onde se experimenta o êxtase, dentro dessa angústia compartilhada pelo não-sentido, nessa nudez que extasia.

4. A EXPERIÊNCIA INTERIOR

Para Bataille, o indivíduo anseia - e por isso se angustia – em se comunicar, conectar-se, perder-se naquilo que fora antes partido e distanciado - o desconhecido. Seu anseio deseja a concretização da experimentação e, assim, a perda num todo contínuo. Essa experiência pura busca

chegar a um impasse do saber e, deparando-se com a impossibilidade de se apropriar do conhecimento, o indivíduo batailleano aprende que nada sabe. Nesse momento, Bataille apresenta o conceito de *Ipse*:

atinjo o extremo do saber (por exemplo, imito o saber absoluto, pouco importa o modo, mas isso supõe um esforço infinito do espírito querendo o saber). Sei então que nada sei. *Ipse*, quis ser tudo (por meio do saber e caio na angústia: a ocasião dessa angústia é meu não-saber, o não sentido sem remédio (aqui, o não-saber não suprime os conhecimentos particulares, mas seu sentido, priva-os de qualquer sentido). *A posteriori*, posso saber o que é a angústia do que falo. A angústia supõe o desejo de comunicar, ou seja, de me perder, mas não a resolução inteira: a angústia atesta meu medo de comunicar, de me perder. A angústia é dada no tema do próprio saber: *Ipse*, por meio do saber eu queria ser tudo, portanto comunicar, me perder e, todavia, permanecer *Ipse*. Para a comunicação, ante que ela tenha lugar, colocam-se o sujeito (eu, *Ipse*) e o objeto (em parte indefinido, enquanto não tiver sido inteiramente apreendido). O sujeito quer se apoderar do objeto para possuí-lo [...], mas ele só pode se perder: o não-sentido da vontade de saber sobrevém, não-sentido de todo possível, fazendo o *Ipse* saber que vai se perder, e o saber com ele. Enquanto o *Ipse* persevera em sua vontade de saber e ser *Ipse*, dura a angústia, mas se o *Ipse* se abandona, a si mesmo e ao saber, se ele se entrega ao não-saber nesse abandono, o arrebatamento começa. No arrebatamento, minha existência reencontra um sentido, mas o sentido se refere imediatamente ao *Ipse*, torna-se *meu* arrebatamento, um arrebatamento que eu, *Ipse*, possuo, dando satisfação à minha vontade de ser tudo. Assim que volto a isso, cessa a comunicação, a perda de mim mesmo, parei de me abandonar, permaneço lá, mas com um novo saber²⁷.

Ipse é uma espécie de caráter único de cada indivíduo. Esse caráter único que possui em si o que o diferencia do Outro, deseja conhecer e se apropriar do saber e, ao mesmo tempo, cai na angústia de se perceber incapaz de concretizá-lo. Porém, ao mesmo tempo que deseja a comunicação (e se perder), deseja manter-se uno, original. Ao abandonar-se ao não-saber, o indivíduo é arrebatado, e nesse arrebatamento, o indivíduo recupera a noção de sentido - sentido último que comunica o êxtase. E essa experimentação só é possível na apropriação dessa angústia

²⁷ Ibid., p. 87.

nunca satisfeita. Ela não pode se apreendida pelo indivíduo, no qual o extremo do sentido, que vai além do saber, retorna a si mesma, ao mesmo tempo que entra em reversão. Mal o indivíduo se apropria do saber, a experimentação se esvai e o ultrapassa, jogando-o na angústia novamente, neste jogo que recomeça a cada instante apreendido.

Somos incapazes de ir até o interdito do ser e apreendermos esse saber, uma vez que, caso conseguíssemos seguir por esse caminho solitário, o indivíduo batailleano afogar-se-ia 'num 'particular' que só [teria] sentido para ele"²⁸. Quando se chega ao extremo do possível, o indivíduo encara o não-sentido e por meio da *súplica* "que nasce da ausência de sentido"²⁹; chega-se à exaltação do não-sentido: o êxtase que está enraizado no desconhecido.

Para Bataille, os homens "são inacabados em relação uns aos outros"³⁰, entretanto, temos em mente o sentido de acabamento. E, por termos nos apropriado dele, "o excesso de [...] potência libera [...] o desejo do inacabado"³¹, o indivíduo se encontra isolado enquanto se percebe não como ser acabado mas fissura do inacabado, abrindo uma ferida que se comunica com o outro; além de não alcançar o extremo sozinho, também é incapaz de permanecer nesse extremo. Ele fica preso em uma espécie de *jogo*, onde a satisfação de se encontrar dentro desse extremo afasta e o obriga a fazer o mesmo exercício de repetição: de se provocar ao extremo repetidas vezes.

Para Bataille, a existência da comunicação tem início quando o indivíduo se apropria do não-saber, e esse não-saber é o que o comunica com o êxtase. Ao romper com o discurso que elabora o projeto do indivíduo, abre-se a possibilidade da experiência que propicia essa experimentação e faz com que o êxtase aconteça, enquanto

Não há mais sujeito=objeto [sujeito, não-saber - objeto, o desconhecido obscuro], mas 'brecha escancarada' entre um e outro, e, na brecha, o sujeito,

²⁸ Ibid., p. 75.

²⁹ Ibid., p. 75.

³⁰ BATAILLE. O culpado, 2017, p.47.

³¹ Ibid., p.47.

o objeto se dissolvem, há passagem, comunicação, mas não de um ao outro: *o um e o outro* perderam a existência distinta. As perguntas do sujeito, sua vontade de saber são suprimidas: o sujeito não está mais ali, sua interrogação não tem mais sentido nem princípio que o introduza. Da mesma forma, nenhuma resposta permanece possível. A resposta deveria ser 'tal é o objeto', quando não há mais objeto distinto³².

O êxtase seria a fusão (dissolução) do sujeito com o objeto. Experimentamos o nada e o não-saber desistindo dos sentidos aprendidos pelo indivíduo em nome da fusão do sujeito (eu) com o objeto (nada/não-saber). A experiência interior é o abandono do sujeito como ser pensante assim como também à sua racionalidade e ao discurso que o constrói como indivíduo (descontínuo, partido). Ao alcançar este êxtase, o homem estaria livre das amarras dos interditos que fundam a sociedade. O eu estaria apagado, num êxtase contínuo.

Essa experiência mística, quase erótica, nasce da incapacidade do homem de compreender o que está além. E através dessa experimentação, o indivíduo tenta chegar a essa continuidade-êxtase. A comunicação extática dá ao homem a oportunidade de escapar das razões e da ética (conjunto de valores morais) que são a base da nossa sociedade e nos mostra que há forças/pulsões festivas e excessivas que buscam o fim dessa descontinuidade. O excesso e o extremo do indivíduo buscam esse aniquilamento, esse gozo mortal que é o apagamento do eu em estado de êxtase. O indivíduo que busca o êxtase, necessita do extremo, de transgredir seus interditos enquanto busca experimentação e a presente como algo exterior, nascida "de um desequilíbrio"³⁸ que ocorre nessa dissolução entre o sujeito e o objeto. Nessa brecha que se expande a partir de uma experiência interior.

³² Ibid., p. 94.

5. REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *A experiência interior: seguida de Método de meditação e Postscriptum — 1953*. Suma ateológica, vol. I, 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. *O culpado: seguido de A aleluia*. Suma ateológica, vol. II, 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. 8. reimp. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FOUCAULT, Michel — "Prefácio à transgressão". In: *Ditos e escritos, vol. III: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MORAES, Eliane Robert. "Um olho sem rosto". In: BATAILLE, Georges. *História do Olho*. 3. reimp. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PIEL, Jean. "Bataille e o mundo" In: BATAILLE, Georges. *A parte maldita*, precedida de "A noção de dispêndio". 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SURYA, Michel. "Nascimento de Bataille". In: BATAILLE, Georges. *A experiência interior: seguida de Método de meditação e Postscriptum — 1953*. Suma ateológica, vol. I, 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BARROS, Bárbara de. *A continuidade e a morte: esfacelamento da individuação em Georges Bataille*. AnaLógos, Rio de Janeiro, vol. 1, 2016, p. 90-96.

FONTES, Osvaldo Filho. *Escrever o desaparecimento de si em torno de Le Coupable, de Georges Bataille*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, vol. 17, n. 1/2, p. 41-60, jan./fev. 2007;

MARCONDES, Ciro Filho. *Paixão, erotismo e comunicação: contribuições de um filósofo maldito, Georges Bataille*, HYPNOS, São Paulo, número 21, 2 semestre de 2008, p. 208-230;

OLIVEIRA, Cleide Maria de. *A soberania das experiências místico-eróticas: uma introdução ao pensamento de Georges Bataille*. Estudos de religião, v. 25, n. 40, 162-180 - jan./jun 2011;